

## MONTEIRO LOBATO: UM INTELLECTUAL ENGAJADO COM A CAUSA NACIONAL

### MONTEIRO LOBATO: AN INTELLECTUAL ENGAGED WITH THE NATIONAL CAUSE

Erick Chiaramonte<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente ensaio possui o intuito de abordar a literatura de Monteiro Lobato, em especial sua vida. O engajamento é o fio condutor desse trabalho. Pretende-se mostrar que ele teve uma forte conotação política. Sem se filiar oficialmente a um partido político, esteve presente nos debates sobre os problemas nacionais e nunca deixou de sonhar com o desenvolvimento da nação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografia. Intelectual engajado. Nacionalismo.

**ABSTRACT:** *This essay has the aim of addressing the literature of Monteiro Lobato, especially his life. The engagement is the thread of this work. It is intended to show that Lobato had a strong political connotation. Without officially joining a political party, Lobato was present in the debates about national problems and never stopped dreaming about the development of the nation.*

**KEYWORDS:** *Biography. Intellectual engaged. Nationalism.*

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia, Letras e Pós-graduado em Literatura.

Monteiro Lobato foi uma figura excepcional. Foi pintor, escritor, fundou editoras, companhias de petróleo e o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio. Publicou vários artigos no jornal “O Estado de São Paulo” e colaborou com outros. Uma pessoa destacada nos meios sociais, literários e político que pensava à frente do seu tempo.

A sua carreira jornalística iniciou com a publicação de um artigo intitulado: “Velha Praga”. Esse título foi publicado no jornal “O Estado de S. Paulo”, em 1914. Lobato descarregou toda a sua indignação sobre o hábito brasileiro de queimar a mata. A partir disso, nunca mais parou de escrever e publicou obras para adultos e crianças.

A maior parte de suas obras é resultado da reunião de artigos escritos em jornais. Esses artigos foram escritos com intenção de transformar o Brasil agrário num país desenvolvido. Por diversas vezes escreveu em defesa dos ideais que julgava correto e acreditava que a literatura era agente de transformação.

Pensando no desenvolvimento da nação, engajou-se em campanhas como: reforma agrária, petróleo, saúde e entre outras temáticas. Através dos seus artigos arrebatou um grande público que acreditava num país melhor. Sendo assim, fez história e esboçou projetos para o crescimento social, político e econômico do país.

### **I – Iniciação de um homem de ação**

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, cidade do Vale do Paraíba, no interior paulista, no dia 18 de Abril de 1882. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Augusta Monteiro Lobato. Foi batizado na paróquia local com o nome de José Renato Monteiro Lobato.

Após estudos em Taubaté, dirigiu-se para São

Paulo, onde ingressou no curso de Direito, na Faculdade do Largo São Francisco. Na faculdade fez parte do grupo literário chamado Minarete onde residiam: Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas, Godofredo Rangel e Artur Ramos. Segundo Edgar Cavalheiro: “*A vida ali decorria entre piadas e risos, e altos sonhos de glórias literárias. Liam muito, discutiam muito.*”<sup>2</sup>

Terminado o curso de Direito, retornou ao interior paulista, onde se sentiu desanimado por levar uma vida sossegada. Seu estado de espírito oscilava entre euforia e o desalento. Muitas vezes, sentiu que estava ‘burrificando’. Monteiro Lobato, na verdade, estava com saudade de São Paulo, principalmente dos tempos em que passava no Minarete e no Café Guarani discutindo literatura com seus amigos.

Após diplomar-se bacharel, ingressou no Ministério público. Além disso, foi nomeado promotor em uma pequena cidade, na divisa de São Paulo com Rio de Janeiro, chamada Areias.

Em 1907, chegou a Areias para assumir o cargo de promotor da cidade. A cidadezinha era morta e o serviço praticamente nenhum. Para encher as longas horas não fazia outra coisa senão ler, ler, ler. Os livros foram os seus companheiros durante o tempo em que permaneceu na cidade. Como nos conta o biógrafo Edgar Cavalheiro:

Encho os dias lendo, leio para me embriagar, como o bêbado bebe para esquecer. Desde que cheguei já devorei perto de 1500 páginas in 8°. E se não fizesse isso morreria de desespero’. Ou então: ‘Estou a ler Homero na Odisseia. Vingo-me da chateza da vida areense passando o dia em plena Hélade, com Ulisses e Penélope. Que grande coisa a literatura! Sem ela a minha vida aqui conduziria irremedia-

<sup>2</sup> Cavalheiro, Edgar. Monteiro Lobato. Vida e Obra. 3.ed., São Paulo: Brasiliense, 1953, v. I, p. 60.

velmente ao suicídio'. Nesse lugar, continua nas longas, apaixonadas e pitorescas cartas à noiva, 'só casado'.<sup>3</sup>

Em 1911, faleceu Visconde de Tremembé, avô de Lobato. Coube a ele, como herança, a fazenda Buquira. A vida do Promotor Público de Areias passaria por transformações. Agora, seria fazendeiro. Monteiro Lobato levou muito a sério as novas funções. Empenhado, o novo proprietário procurou transformá-la numa moderníssima fazenda e logo tomou uma série de medidas:

Constrói um grande lago que enche de marrecos-de-Pequim, gansos e patos. Importa cabras, galinhas, porcos das melhores raças. Incrementa o plantio do café, feijão, milho, arroz. Reforma a máquina de beneficiar café. Planta capins especiais. Assina revistas especializadas em agricultura e pecuária.<sup>4</sup>

Insatisfeito com a política local, "*lidera a oposição municipal na vila Buquira.*"<sup>5</sup> Mas, em seguida, compreende que não nascera para tal cargo. A política, para ele, era uma caceteação, isto é, um aborrecimento. Uma dessas intermináveis chateações recebeu a visita de um eleitor, mas nada disso o deixou entusiasmado. Enquanto o eleitor comentava sobre a política local, ele pensava em como sair dela.

Descontente com a vida na fazenda, Lobato se sentiu frustrado e inquieto por não ver nenhum dos sonhos realizados. Acostumado aos altos e baixos dos negócios, compreendeu que a única saída era a vocação literária. Mesmo insatisfeito, continuou escrevendo contos, artigos e discutindo à distância com Godofredo

Rangel.

Nesse tempo, apresentou ideias extravagantes: criação de um colégio em Taubaté, sanatório em São José dos Campos, exploração comercial do Viaduto do Chá. Porém, sonhos irrealizáveis.

Em 1917, vendeu a fazenda para Antônio Leite e se mudou com a família para Caçapava. Depois de brevíssima passagem por lá, fixaram-se em São Paulo.

Em São Paulo, continuou publicando seus artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*. Com a venda da fazenda, em 1917, comprou a *Revista do Brasil* e a sede da revista seria um lugar frequentado pelos melhores escritores da época. Mas, em 1924, a *Revista do Brasil* quebrou com a revolução de Isidoro, também conhecida de *Revolução Esquecida*. A cidade parou durante um mês e a oficina da editora também. Sem produzir e saudar seus compromissos, a editora teve sua falência decretada. A falência não interrompeu seus projetos literários, portanto, em 1925 surgiu a Companhia Editora Nacional.

Nesse rumo, o aspecto literário mais importante da obra de Monteiro Lobato foi a sua preocupação em denunciar os problemas que marcaram a vida das pessoas no interior. Por detrás de sua mesa, escreveu vários artigos que foram publicados no jornal denunciando o estado de saúde do povo. Essa série de artigos de combate será publicada com o título: *O Problema Vital*.

Outra obra engajada que buscava contribuir no questionamento da ordem social foi *Cidades Mortas*. Nela, o escritor aborda o desamparo provocado nas pequenas cidades que, até pouco tempo, prosperavam nos áureos tempos do café. Propôs ainda mudanças socioeconômicas radicais para o desenvolvimento

<sup>3</sup> Ibidem, pp. 133-134.

<sup>4</sup> Grandes personagens de nossa história (coleção), 1970 (fascículo 551), IV, São Paulo, Abril Cultura, p. 949.

<sup>5</sup> Lajolo, Marisa. Monteiro Lobato: a Modernidade do Contra. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 27.

e, naturalmente, o progresso do país.

Politicamente, almejava por um socialismo anárquico e romântico. Em 1945, com o fim do Estado Novo e a redemocratização do país, criticou o capitalismo e defendeu posições socialistas. Preocupado com a face do Brasil agrário estendeu-se também ao plano da luta política social. Ele ansiava pelo progresso material e intelectual do povo brasileiro. Ao contrário de muitos, defendeu uma posição mais ativa e engajada.

Monteiro Lobato nasceu marcado pelo agir, pela ação, e não pela inanição. Para ele, todo saber era prático e não mais desinteressado como fora outrora. Influenciado pela leitura de Nietzsche escreveu para Ranchor:

Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as crenças vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos Kantistas; da de Comte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!”. Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa caustica. Tira todas as gafeiras.<sup>6</sup>

Monteiro Lobato não se tornou Nietzscheano. Aprendeu que para seguir Nietzsche precisava seguir seu próprio caminho. E foi o que fez. Tornou-se um homem objetivo, destacando de si e do mundo: o homem impessoal.

Com a falência da editora Revista do Brasil, foi para o Rio de Janeiro com sua família. No Rio, frequentou a livraria Leite Ribeiro, escreveu artigos para a imprensa e distraiu-se com grandes pescarias.

Com fama de jornalista polêmico e destemido

atacou o governo de Artur Bernardes. Um governo marcado por uma permanente instabilidade política, derivadas da crise econômica e dos conflitos políticos e revoltas armadas que se intensificaram neste período.

Monteiro Lobato fez duras críticas ao governo e atacou fervorosamente as leis que taxa a importação de máquinas gráficas e de papel para livros. É contra essa situação que mais uma vez toma posição ativamente nos problemas políticos de seu tempo.

## II- Estrangeiro na terra do tio Sam

Em 1927, mudou-se com a família para Nova Iorque. Sua nova função: Adido Comercial. Foi uma experiência marcante, pois viver em uma nação mais desenvolvida do planeta era o seu sonho para alavancar o progresso do Brasil.

Ao desembarcar em Nova Iorque, ele e sua família foram recebidos pelo agente geral de Henry Ford.

Ao chegar (...), quem encontro no cais de Hoboken? O agente geral da Ford em New York. Abordou-me, deu cartão e disse que tinha ordem de Mr. Ford para receber-me e facilitar-me tudo. Foi ótimo porque vim com bagagem enorme (...). Levou-me para o hotel numa Lincoln e guardou meus caixões no depósito da companhia até que eu alugasse este apartamento. Tome nota: 205 - 24th Street - Jackson Heights, L. I. - New York City - USA.” Nova Iorque, 17/8/1927.<sup>7</sup>

A fim de dar condições de desenvolvimento para a nação, escreveu minuciosas cartas apresentando soluções para o problema crônico: o atraso. Escreveu

<sup>6</sup> Lobato, Monteiro. A Barca de Gleyre. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. 1 t. p. 66.

<sup>7</sup> Ibidem, pp. 302-303.

relatórios para o Ministro das Relações Exteriores, Otávio Mangabeira, recomendando que reconsiderasse os altos impostos de exportação.

Em 1928, esteve em Detroit oito dias. Ficou impressionadíssimo com a visita que fizera juntamente com o empresário Fortunato Bulcão à Ford e à General Motors. Viu de perto a nova tecnologia siderúrgica e ficou deslumbrado com o Mr. Smith, o anjo Gabriel anunciador da metalurgia.

Assim, fascinado pelos Estados Unidos, escreveu para Rangel dizendo que o Brasil estava à beira do caminho da modernidade, e que se encontrava meio século atrasado. Não obstante, Lobato decidiu criar uma companhia no Brasil para transformar ferro em aço.

Estamos com uma empresa em organização no Rio para ferrar o Brasil, isto é, para produzir ferro pelo maravilhoso processo de Mr. Smith e com esse ferro construir as máquinas e instrumentos por falta dos quais ainda vagimos no “berço do atraso”, como diria o Macuco.<sup>8</sup>

Entusiasmado com a nova ideia, escreveu cartas aos amigos sugerindo sociedade, falou em lucros de milhões de dólares e pediu sigilo absoluto.

Confiante no capitalismo americano investiu todo o seu dinheiro na bolsa de Nova Iorque. Mas em 1929, a maior economia do mundo quebrou. Uma irrefreável onda de vendas derrubou as ações e a maior economia do mundo: Os Estados Unidos. Essa notícia levou milhares de empresários e milionários à bancarrota. Entre os empresários e milionários estava Monteiro Lobato mais uma vez falido.

Os efeitos da grande depressão foram sentidos no mundo inteiro, e conseqüentemente o Brasil de Washington Luís foi afetado levando a queda dos preços

do café. Em meio às incertezas da bolsa de valores e do Governo de Washington Luís, Monteiro Lobato regressou ao Brasil.

### III – Monteiro Lobato e a Política do Ferro e do Petróleo.

Ao desembarcar no Brasil, viu-se em dificuldades econômicas que o obrigaram a vender suas ações da Companhia Editora Nacional. Para sobreviver passou horas escrevendo, traduzindo e organizando seus textos. Contudo, não abandonou o sonho de ver o Brasil desenvolvido.

Longe dos mosteiros acadêmicos foi à luta. Enquanto alguns “intelectuais” dedicavam-se ao saber desinteressado, isto é, a pesquisa pela pesquisa, ele se envolveu na luta em defesa das reservas naturais do Brasil. Muitos não entenderam o engajamento em prol do ferro e petróleo e ficaram céticos.

Monteiro Lobato retornou ao Brasil com um discurso industrialista. Defendeu as riquezas naturais, o petróleo, a siderurgia, o transporte e a criação de um mercado interno. Em 1931, criou o Sindicato Nacional de Comércio e Indústria e a Companhia Petróleo do Brasil, denunciou a empresa inglesa Itabira Iron Ore Company, que vinha adiando a exploração de ferro desde o início do contrato em 1911 e defendeu a teoria de Mr. Smith de prescindir os altos fornos e a exploração e importação de carvão.

As denúncias estão reunidas no livro “Ferro: a solução do problema siderúrgico do Brasil pelo processo Smith”, lançado em 1931 pela Companhia Editora Nacional. Monteiro Lobato afirmou categoricamente que o problema do Brasil é econômico. Por esse e outros motivos deixou o Sindicato Nacional de Comércio e Indústria para se dedicar à exploração de petróleo.

<sup>8</sup> Ibidem, pp. 3313-314.

Insatisfeito com a exploração do ferro viajou o Brasil inteiro em busca de recursos para criar o seu empreendimento. Em suas viagens conscientizou o povo e denunciou um problema que vinha assolando o país: Os trutes internacionais.

Havia superprodução mundial, e as grandes empresas, que controlavam a produção petrolífera, não tinham interesse na abertura de novos poços. Ao contrário, lançaram uma campanha para convencer o público nacional de que no Brasil não havia petróleo.<sup>9</sup>

Ele teve que lutar, e muito, com o governo brasileiro para criar a Companhia Petróleo do Brasil e chegou a sofrer intervenção sob motivos os mais estapafúrdios. Logo, viu que não era fácil, pois todas as vezes que tomou iniciativas foram sabotadas. Sofreu ameaças e nada do que solicitava ao governo era concedido.

Para ele, “o ambiente era o pior possível. Tudo contra. Governo, imprensa, capitalistas, bancos, todos desfavoráveis”.<sup>10</sup> O seu discurso não convenceu os detentores de grandes recursos, mas conquistou o público. Inúmeras pessoas o procuraram. Gente humilde, arriscando as suas economias para o desenvolvimento do Brasil.

Segundo o testemunho de Edgar Cavalheiro, o principal biógrafo do escritor, Monteiro Lobato recebeu a visita de um preto em seu escritório desejando comprar ações. Lobato perguntou para quem seriam as ações. O preto respondeu que era para ele mesmo. O fato surpreendeu a todos. Logo em seguida, aquele homem tão humilde disse que queria trinta ações

e todos ficaram estupefatos. Mas Lobato tentou persuadi-lo acentuando a possibilidade de não encontrar petróleo. Mesmo apresentando todos os contras, ele, perseverante, disse que queria trinta ações. Então indagaram o pobre homem sobre o motivo de gastar três contos de réis. A resposta foi tão simples que deixou Monteiro Lobato com lágrimas nos olhos: “- *É que eu quero ajudar o Brasil...*”<sup>11</sup>

Lobato estava convencido de que o combate não seria fácil, pois os trutes fariam tudo para impedi-lo de continuar com a campanha do petróleo. Os trutes sabiam da existência de petróleo no Brasil e faziam fé no relatório do geólogo Grossman.

Gustav Grossman foi contratado secretamente para analisar o solo brasileiro em busca de petróleo e disse: “*Dada à sua área, a quantidade de petróleo do Brasil talvez seja maior a de qualquer outro país do mundo*”.<sup>12</sup> Os trutes, logo trataram de acaparar toda terra potencialmente petrolífera e disseminaram a ideia de que não existia petróleo em solo brasileiro.

Monteiro Lobato queria que o Ministério da Agricultura provasse a não existência do petróleo, pois o próprio departamento perfurou alguns buracos que eram insuficientes para qualquer conclusão. Mesmo assim, o departamento continuou afirmando que tudo não passava de balela. Quando percebeu que o departamento estava dificultando o seu trabalho dirigiu uma denúncia por escrito ao Presidente da República.

O Departamento fez pouco caso, mas Lobato não desistiu e escreveu outra carta ao Ministério da Agricultura exigindo uma sindicância para confirmar a denúncia de que não poderia tirar o petróleo e deixarem outros tirarem.

Na carta, acusou os diretores do departamento

<sup>9</sup> Grandes personagens de nossa história (coleção), 1970 (fascículo 551), IV, São Paulo, Abril Cultura, p. 952.

<sup>10</sup> Cavalheiro, Edgar. Monteiro Lobato. Vida e Obra. 3.ed., São Paulo: Brasiliense, 1953, v. II, p. 4.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 7.

de falsearem documentos com o intuito de desanimar qualquer um que desejasse furar o solo brasileiro. Sem resposta, resolveu levar a público as acusações prefaciando o livro de Essad Bey. O Ministério da Agricultura não teve outra escolha senão organizar uma Comissão de Inquérito.

Monteiro Lobato foi convocado a depor na Comissão de Inquérito e preparou um longo discurso acusatório contra o Departamento do Ministério da Agricultura. Acusou-os de sabotar diversas companhias, apontou os trutes internacionais e as próprias autoridades nacionais de agir contra a extração de petróleo no país:

O petróleo está hoje praticamente monopolizado por dois imensos trusts a Standard Oil e a Royal Dutch & Shell. Como dominaram o petróleo, dominaram também as finanças, os bancos, o mercado do dinheiro; e como dominaram o dinheiro, dominaram também os governos e as máquinas administrativas. Esta rede de dominação constitui o que chamamos os Interesses Ocultos. O Brasil, como o seu imenso território marcado em mil pontos de indícios de petróleo, constituía um perigo para esses trusts. (...) Os trusts sabem de tudo e sorriem entre si. Sabem que a partir de 1930 o brasileiro cada vez menos se utiliza do cérebro para pensar, como fazem todos os povos. Sabem que os nossos estadistas dos últimos tempos positivamente pensam com outros órgãos que não o cérebro... E lá entre si combinaram: - Nada mais fácil do que botar um tapa-olho nessa gente. Com um bom tapa-olho, eles, que vegetam de cócoras

sobre um oceano de petróleo, ficarão a vida inteira a comprar o petróleo nosso; enquanto isso, iremos adquirindo de mansinho suas terras potencialmente petrolíferas, para as termos como reservas futuras. Quando nossos atuais.<sup>13</sup>

Decepcionado com as conclusões da Comissão de Inquérito, porque todos os membros acusados foram isentos de qualquer suspeita, escreveu uma carta desafiadora a Getúlio Vargas:

Em 24 de maio de 1940, Monteiro Lobato dirigiu uma carta ao Presidente Getúlio Vargas, onde acusava o Conselho Nacional do Petróleo de: 1 – Promover a perseguição sistemática às empresas nacionais; 2: - Criar embaraços à exploração do subsolo; 3: - Manter a ideia secreta do monopólio estatal. Na carta, afirmava Monteiro Lobato que o [CNP] impedira o funcionamento da Companhia Cruzeiro do Sul, Companhia Petróleo do Brasil e Companhia Petróleo Nacional, algumas delas em pleno trabalho de perfuração do subsolo. A Companhia Mato-Grossense de Petróleo, embora constituída em 1938, até aquele ano (1940) estava impedida de trabalhar porque o Conselho não havia reconhecido sua constituição.<sup>14</sup>

Lobato remete à denúncia ao ditador Getúlio Vargas. Mas Vargas nunca respondeu. Ao invés, mandou prendê-lo por desmoralizar o Conselho Nacional de Petróleo. A denúncia rendeu-lhe três meses de prisão, entre Março e Julho de 1941.

<sup>13</sup> Lobato, Monteiro. O Escândalo do Petróleo. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, pp. 9-12.

<sup>14</sup> Victor, A Batalha do Petróleo. 2. Ed.; Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, p. 104.

\*\*\*

Monteiro Lobato foi um homem engajado com a causa do povo. Mesmo não fazendo parte de nenhum partido político, demonstrou ser um cidadão preocupado com o desenvolvimento da nação.

Sendo literato não visou retratar apenas 'bons sentimentos', mas trouxe a discussão para a sociedade. Preocupado com o cotidiano se solidarizou com a classe e procurou conscientizá-los da importância de um país desenvolvido.

Ele exprimia a dialética do pensar e do ser, sendo ao mesmo tempo conhecimento e ação. Sendo idealista buscou efetivar um desenvolvimento capitalista no Brasil, mas encontrou algumas dificuldades no campo político. Mesmo tocando em questão delicada deixou claro que estava pronto para a batalha.

O seu engajamento foi além dos muros acadêmicos. Comprometido com as grandes causas do seu tempo, procurou mostrar o problema que assolava o interior paulista: saúde pública e saneamento básico.

Como editor, preocupou-se não só com os adultos, mas principalmente com as crianças. Produziu obras infantis, traduziu literaturas estrangeiras e criou personagens. Dedicou um estilo simples onde realidade e fantasia estão lado a lado.

Em resumo, o projeto lobatiano foi além da expectativa de muitos que no início estavam céticos. Seja com o projeto editorial, a questão do ferro e petróleo, Lobato será lembrado da sua importância para o desenvolvimento do nosso país.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: vida e obra.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1953. v.1.

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: vida e obra.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1953. v.2.

GRANDES personagens de nossa história. São Paulo: Abril Cultural, 1970. v. 4, n. 551

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: a modernidade do contra.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo.** 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

VICTOR, Mario. **A batalha do petróleo brasileiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.